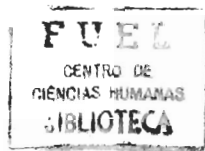


O uso do mesmo tipo de incisão da pele nos machos e nas fêmeas, difere da opinião de MATERA e STOPIGLIA (1958), que recomendam incisão cutânea especial nos primeiros, devido comprometimento parcial do prepúcio. Isto se justifica porque, dos 6 (seis) machos por nós operados, quatro (casos n. 5, 11, 15, 22) foram castrados em seguida e os outros dois ficaram separados para observação por 1 ano, e não evidenciamos complicação de qualquer natureza. Então, foram preparados para rufiões.

Ainda que contrariando os demais autores, preferimos manter as aderências do peritônio à borda do anel. Constatamos que este procedimento oferece maior resistência às camadas suturadas ao fechamento do orifício herniário sem qualquer inconveniência para o animal.

O fio de algodão, quando adequadamente usado, mostrou possuir tão boa resistência quanto os fios sintéticos ou metálicos, com as vantagens de ser facilmente adquirido e ter preço acessível.

Finalmente, o pós-operatório prescrito baseia-se em medidas higiênicas-dietéticas simples, porém cuidadosas, coincidindo com a observação de FRANK (1964) que considera esta última etapa tão importante quanto o procedimento cirúrgico para o sucesso da operação.



Mecanismo da Comunicação

ENOQUE BALBINO LIMA

Doutor em Letras e Livre Docente em Teoria Literária

RESUMO

Abordando o duplo mecanismo da comunicação, o Autor, partindo de uma breve conceituação de mensagem, código, canal e contexto, discute o mecanismo onomasiológico e semasiológico, as vantagens do emissor sobre o receptor no processo comunicativo, concluindo com algumas considerações de natureza prática, importantes tanto para o remetente como para o destinatário da mensagem.

ABSTRACT

Dealing with the double mechanism of communication, the author discusses the onomasiological and semasiological mechanism, the advantages of the speaker over the hearer in the process of communication, beginning with a brief discussion on message, code, channel and context. Some practical considerations, important not only to the speaker but also to the hearer, are given at the end.

SUMÁRIO: 0 – INTRODUÇÃO. – 1 – MECANISMO ONOMASIOLÓGICO. – 2 – MECANISMO SEMASIOLÓGICO. – 3 – VANTAGENS DO EMISSOR EM RELAÇÃO AO RECEPTOR NO MECANISMO DA COMUNICAÇÃO. – 3.1. – VANTAGENS DO EMISSOR. – 3.2. – DESVANTAGENS DO RECEPTOR. – 4 – CONCLUSÕES. – BIBLIOGRAFIA.

BIBLIOGRAFIA

- BARKER, C.A.V., 1953. In: MATERA e STOPIGLIA (1958).
- CINOTTI, F. – *Medicine operatoria veterinária*. Milano, Franc. Vallardi, 1952.
- FARQUHARSON, J. – “Umbilical hernia in large animals”. *Vet. Med.*, 37:164, 1942.
- FRANK, E. R. – *Veterinary surgery*. 7.ed. Minnesota, Burgess, 1964.
- JOHNSON, J. H. – “A surgical technique for umbilical herniorrhaphy”. *VM/SAC*, 65(10):967-70, 1970.
- LARSEN, L. H. – “The surgical repair of umbilical and ventral herniae in horses and cattle”. *Australian Vet. J.*, 31(9):225, 1955.
- MATERA, E. A. & STOPIGLIA, A. V. – “Tratamento cirúrgico da hérnia umbilical em bovinos. Técnica da imbricação lateral”. *Rev. Med. Vet.*, São Paulo, 6(2):219-30, 1958.
- MILNE, F. J. & HORNEY, F.D. – “Vetafil: a synthetic suture material new to North America”. *JAVMA*, 125(933):448, 1954.
- WHEAT, J. D. – “Surgical repair of umbilical and inguinal hernias in the bovine”. *Iowa Sta. Coll. Vet.*, 14(1):17, 1952.

0. INTRODUÇÃO

A comunicação pressupõe basicamente dois elementos fundamentais: o remetente e o destinatário. Estímulo e resposta ao estímulo comunicativo. Além desses fatores, do binômio emissor/receptor, (alguém que, a partir de um estímulo comunicativo, elabora uma mensagem na base de um código e aquele que, a partir de uma mensagem codificada, chega a ideologia do emissor, através da transformação do conjunto significante em conjunto significativo), entram, necessariamente, no mecanismo da comunicação, outros fatores que procuraremos definir nessa introdução, a fim de esclarecer melhor alguns conceitos emitidos no presente trabalho:

a) Mensagem - conjunto de estímulos comunicativos que tem como substância um repertório signico, e como forma, um sistema de códigos e sub-códigos.

b) Código - conjunto de signos estruturados segundo um sistema de diferenças e oposições e regras de combina-

ção. Sistema de expectativas comunicacionais. “Os códigos são sistemas de expectativas no universo dos signos”¹.

c) Canal - suporte físico da mensagem que possibilita o contato entre emissor e receptor.

d) Contexto - elemento referenciado na mensagem e/ou conjunto de circunstâncias orientadoras da comunicação.

O homem é um ser eminentemente social ou sociável. É inata, no homem, a necessidade do contato, do convívio social, do intercâmbio intra-específico de idéias, desejos e emoções, entre os seres humanos. E essa necessidade é tanto de natureza física como psíquica. O homem sozinho não pode subsistir. – Vae soli! exclama um dos sábios do Velho Testamento – “Ai do homem só!”. O autor do Gênesis descreve a Criação de maneira belíssima. A terra, antes amorfa e vazia, transforma-se num paraíso, onde há de tudo, e o homem é senhor de todas as coisas “Tulit ergo Dominus Deus hominem, et possuit eum

in paradiso voluptatis, ut operetur et custodiret illum".*(*Gênesis II, 15*).

Mas o homem não era feliz. A sua natureza reclama um socius, uma companhia "*Non est bonum esse hominem solum, faciamus ei adiutorium simile sibi*".**(*Gênesis II, 17*). Donde se conclui que a comunicação origina-se, basicamente, na necessidade do contato entre duas pessoas, da comunhão de sentimentos e volições entre dois seres humanos, o que enseja um duplo mecanismo comunicativo. Do ângulo do emissor, a codificação da mensagem e, do ângulo do receptor, a decodificação.

Abordaremos no presente trabalho esse duplo mecanismo da comunicação como também algumas conseqüências mais relevantes dele decorrentes.

1. MECANISMO ONOMASIOLOGICO

Como vimos na abordagem introdutória, o ato comunicacional origina-se numa necessidade inata no homem de compartilhar com um companheiro (socius) suas alegrias e/ou tristezas, suas volições e/ou emoções. É a gênese da comunicação ou do ato comunicativo que se situa no emissor e tende a alcançar o receptor, pólo oposto no circuito da comunicação, e obter uma resposta adequada ao estímulo específico do ato comunicativo, pois o circuito da comunicação só se completa quando ao estímulo corresponde uma resposta por parte do destinatário.

No momento da comunicação, o emissor dispõe de um repertório sógnico limitado e de um código que lhe oferece possibilidades ilimitadas de combinações dos signos. No plano paradigmático, as possibilidades de opção são limitadas, mas, no plano sintagmático, são ilimitadas. As possibilidades do emissor são ainda maiores se considerarmos o fato de que ele dispõe não só de um repertório sógnico embasado num código específico, mas também de um sistema de subcódigos ou códigos particulares². Por outro lado, tanto o código como os subcódigos têm como substrato a ideologia do emissor (conjunto de fatores cognitivos e vivenciais de cada indivíduo, a sua cultura em sentido antropológico) que só se torna conhecida quando este a transforma em mensagem significativa e o receptor, em mensagem significativa. "O aparato sógnico remete ao ideológico e vice-versa"³.

O código lingüístico é do âmbito do idioma ou do dialeto, ao passo que os subcódigos são do âmbito do idioleto. Em outras palavras, o código é social e se pressupõe conhecido por toda a comunidade lingüística; é mais do plano da denotação. O idioleto é individual e é usado mais a nível conotativo.

A eleição dos elementos do código e dos subcódigos ou códigos privativos, como diz Umberto Eco, por parte do remetente, para elaborar todo o aparato informativo e retórico da comunicação, e as regras de combinação desses elementos, constituem o mecanismo onomasio-lógico da comunicação. É um "sistema de saber reduzido a sistema de convenções comunicativas"⁴. É o sistema de ideologias do remetente socializado e codificado para que possa ser reconhecido por outrem, o destinatário.

Para comunicar a alguém que o senhor X não tinha cabelos em determinada parte da cabeça, utilizando o código-língua portuguesa, o emissor tem à sua disposição, pelo menos, esse repertório significante: careca, calvo, ele, era, foliculares, apêndices, estrutura, ápice, craniana, coro, cabeludo, alto, cabeça, anterior, posterior, sagital, sutura, lombdoidal, em, cabelos, tinha, não. Dentre eles, poderá selecionar e combinar: careca, ele, era, e terá: ele era careca. Ou ainda: calvo, era, e então terá o enunciado: ele era calvo. Ou ainda: cabeça, alto, tinha, em, não, cabelos, o, e enunciar a mensagem assim: Ele não tinha cabelos no alto da cabeça. Mas, se pretender demonstrar erudição científica e utilizar uma linguagem referencial, eliminando as possíveis conotações e ambigüidades, poderá optar por outros significantes a seu dispor e, combinando-os, elaborar a seguinte mensagem: "Ele não possuía apêndices foliculares no ápice cutâneo da estrutura craniana, anterior à sutura sagital e posterior à lombdoidal"⁵.

Esses exemplos são apenas uma pálida amostra das possibilidades do código ou que o código oferece à opção do emissor. Essa linguagem apesar de rebuscada e aparentemente pedantesca, não deixa margem à interpretações conotativas e aleatórias; é a linguagem dos comunicados "em oposição à linguagem dos julgamentos", no dizer (I. Hayakawa-A linguagem no pensamento e na ação).

2. MECANISMO SEMASIOLOGICO

A mensagem, uma vez codificada pelo remetente que transformou, em determinada circunstância, um conjunto de necessidades, emoções e volições em

mensagem significativa, chega ao receptor que terá de transformá-la em mensagem significativa, interpretá-la, decodificá-la. A mensagem é única mas com múltiplas possibilidades de interpretações, pois seus elementos significantes, tanto no seu aparato substancial como formal, isto é, tanto no que respeita à escolha do código e subcódigos usados, como no que respeita à disposição sintagmática desses elementos na elaboração da mensagem, estão impregnados de elementos ideológicos do emissor, desconhecidos por parte do destinatário. Esses fatores, apesar de toda a boa-vontade do emissor, de sua presumível intenção de tornar a mensagem o mais clara possível, eliminando todos os fatores de ambigüidade previsíveis, podem, contudo, se constituir em ruído para o destinatário.

Diante da mensagem recebida, o destinatário terá de percorrer caminho oposto àquele que percorreu o emissor, de um aparato sógnico chegar a um aparato ideológico complexo do emissor. Aquele transformou significantes em significantes (codificou a mensagem); este vai transformar significantes em significantes (decodificar a mensagem). Para isto terá que identificar o domínio conceptual em que se situa a mensagem, valendo-se dos conhecimentos do código e do contexto, no caso, conjunto de circunstâncias em que se situa a mensagem no momento da recepção e, às vezes, da própria intuição, principalmente se se trata de mensagem estética ou poética, em sentido amplo. Se alguém me apontar um revólver e gritar - hands up! mesmo que eu não conheça uma só palavra de inglês, levantarei as mãos, não por causa do ruído /hândzáp/ mas pelas circunstâncias orientadoras do momento. Há algum tempo, a crônica policial do Rio de Janeiro dava a público a prisão de um grupo de marginais que estavam reunidos num esconderijo, aprendendo uma frase em inglês, pois estava próxima uma efeméride qualquer que, por certo, atrairia muitos turistas à Cidade Maravilhosa, e eles estavam treinando para se comunicarem com os turistas de língua inglesa. A frase, como é óbvio, era esta - hands up!, "mãos ao alto". Mas isto não seria necessário, pois mesmo não sabendo nada de português, os turistas de língua inglesa entenderiam muito bem a mensagem, desde que o emissor fosse alguém que lhes apontasse um revólver, numa rua deserta. Na hipótese aventada, a comunicação se realizaria, apesar de o receptor desconhecer completamente o código. Ao estímulo - intenção de assaltar para roubar, cor-

responderia a resposta adequada: o turista não só levantaria as mãos mas ainda entregaria, ao assaltante, o dinheiro que ele esperava receber como resposta à mensagem emitida, complementada com a respectiva ação predatória.

O destinatário recorre também a seus conhecimentos reais do código em

que foi elaborada a mensagem e seus códigos particulares na interpretação. Mas a sua decodificação também está condicionada à ideologia do remetente que determina os códigos e os subcódigos que o destinatário vai usar para decifrar a mensagem.

Esse conjunto de fatores de que o

destinatário lança mão para decifrar a mensagem recebida e o modo de acionar esses fatores denomina-se *mecanismo semiológico*. É o caminho de retorno no circuito da comunicação, ou melhor, o processo através do qual o receptor escolhe o conjunto significativo que considera adequado à forma significativa da mensagem recebida.

3. VANTAGENS DO EMISSOR EM RELAÇÃO AO RECEPTOR NO MECANISMO DE COMUNICAÇÃO

Analisando os mecanismos da comunicação, constatamos que a situação do emissor é muito mais cômoda do que a do receptor. Essa constatação parece, à primeira vista, irrelevante, mas, na verdade, não o é, devido às lições práticas que podemos aprender desse fato, tanto para quem escreve ou fala, na posição de emissor, como para quem lê ou escreve, na posição de receptor, no mecanismo da comunicação.

3.1 VANTAGENS DO EMISSOR	3.2 DESVANTAGENS DO RECEPTOR
3.1.1 O emissor tem o domínio das circunstâncias internas e, até certo ponto, externas, em que se realiza a comunicação: vive o estímulo que transforma em mensagem comunicativa, a saber, orienta a mensagem pelo seu universo ideológico e retórico.	3.2.1 O receptor, por seu turno, terá que identificar esses estímulos e a ideologia que os orienta através da mensagem significativa recebida, baseando-se em seus conhecimentos do código e em seus subcódigos particulares.
3.1.2 Escolhe a substância e a forma do código, no plano paradigmático e sintagmático.	3.2.2 Recebe a mensagem significativa já elaborada segundo a opção do emissor. Não escolhe o código em si nem a combinação de seus elementos sígnicos.
3.1.3 Pode prever determinados ruídos e tomar as providências para neutralizá-los, ou, pelo menos, contornar seus efeitos negativos na comunicação.	3.2.3 Não escolhe o código, como já vimos nem as circunstâncias da comunicação de tempo e espaço, podendo apenas tirar partido de circunstâncias fortuitas que se lhe deparem no ato comunicativo, nem sempre favoráveis à decodificação exata da mensagem.
3.1.4 Escolhendo o código que mais lhe convém no momento da comunicação, escolhe, ipso facto, o canal a ser utilizado. Quando um surdo-mudo emite uma mensagem, usando o código mímico, o faz por ser o único que lhe convém, não se importando que o seu interlocutor conheça esse código ou não.	3.2.4 Tem que se adaptar ao canal que veicula a mensagem, lançando mão de todos os recursos a seu alcance para recebê-la o mais eficientemente possível e entendê-la. Se o canal é visual e o receptor tem problemas de visão, procura contorná-lo, usando óculos, iluminação especial, etc.
3.1.5 Elabora a mensagem na base de um universo cognitivo que, em relação ao receptor, é apenas presumivelmente conhecido.	3.2.5 As circunstâncias ideológicas que constituem fator de orientação para o emissor podem se constituir em ruídos para o receptor, podem não corresponder às expectativas do emissor.

4. CONCLUSÕES

De tudo que foi dito até aqui, podemos tirar algumas conclusões de natureza prática:

4.1. Maior é a responsabilidade de quem fala ou escreve do que daquele que ouve ou lê. O orador, o professor, o escritor são responsáveis pelo

insucesso de sua missão comunicativa com seus ouvintes, alunos ou leitores, pois, embora nem sempre escolham seus interlocutores, escolhem, quase sempre, o código e dispõem dos elementos orientadores da mensagem.

4.2. Como corolário dessa primeira conclusão, não deve o orador, o professor, o escritor superestimar a ca-

pacidade do destinatário, quando da elaboração da mensagem oral ou escrita.

4.3. Na elaboração da mensagem oral ou escrita, deve o emissor levar em consideração as seguintes indagações:

- O quê?
- A quem?
- Quando?
- Onde?
- Para quê?

4.3.1. O quê? – Qual é a natureza da mensagem? O que pretende comunicar? A mensagem é um discurso político? uma conferência científica? um artigo de jornal? uma reportagem? uma carta comercial? um sermão? um poema?

4.3.2. A quem? – Quem é o destinatário da mensagem? É um público leitor ou uma classe de aula heterogênea? É um auditório de pessoas simples ou um público seletivo e homogêneo? A mensagem é emitida em nível coloquial, em que as ambigüidades por ventura existentes poderão ser atenuadas por meio de explicações, ou em nível adcoloquial, em que não há lugar para esclarecimentos por parte do emissor?

4.3.3. O professor não poderá ministrar uma 4a. aula, à noite, da mesma maneira, adotando os mesmos recursos motivadores, como o fará na primeira ou segunda aula ou num curso diurno. O último orador de uma série de discursos leva uma enorme desvantagem em relação aos que o precederam.

4.3.4. Onde? – Em ambiente desconfortável e sob os efeitos de poluição sonora, o orador ou professor não podem usar os mesmos recursos que usariam, falando ou ensinando em ambiente confortável e tranquilo. O

ambiente requer do emissor um tipo de mensagem especial, adequada a cada circunstância específica.

4.3.5. Para quê? – Transmitir a uma mulher a notícia da promoção de seu marido no emprego é muito mais fácil do que comunicar-lhe a morte acidental daquele. Um sermão ou discurso de aniversário requer muito menos habilidade psicológica e retórica do emissor do que um sermão ou discurso fúnebre.

4.4. A decodificação absolutamente exata da mensagem literária é praticamente inviável. É impossível obter-se uma decodificação absolutamente exata da mensagem, uma interpretação fiel do pensamento do escritor, vale dizer, da ideologia do emissor, no seu todo, a não ser nos discursos científicos de teor conotativo praticamente nulo. Esta conclusão é de grande interesse à teoria da interpretação de textos literários. Com efeito, pretender uma decodificação exata da mensagem literária, reduzir a complexidade retórica e ideológica da mensagem poética ou estética a modelos pré-fabricados é uma empresa tão ingrata quanto pretender tomar água pura (H₂O) só porque essa água passou pelo filtro de nossa cozinha. Interpretação objetiva da mensagem literária dificilmente se conseguirá.

BIBLIOGRAFIA

- BENSE, Max – *Pequena estética*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- CHERRY, Colin – *A comunicação humana*. São Paulo, Cultrix, Ed. da USP, 1971.
- ECO, Umberto – *A estrutura ausente*. São Paulo, Perspectiva, Ed. da USP, 1932.
- GUARANY, Wilson Chrisóstomo & BENTZE, Ione M.G. – *Metacomunicação*. s.l.p., PUC-RS. Curso de Pós-graduação em Letras, 1975.
- JAKOBSON, Roman – *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.
- PEIRCE, Charles Sanders – *Semiótica e filosofia*. São Paulo, Cultrix, 1962.
- POTTIER, Bernard et alii – *Estruturas linguísticas em português*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- WIENER, Norbert – *Cibernética e sociedade: o uso humano dos seres humanos*. São Paulo, Cultrix, 1968.

NOTAS

(1) ECO, Umberto – *A estrutura ausente*. São Paulo, Perspectiva e Ed. da USP, 1971. p. 86.

(2) Id. *ibid.* p. 28 et pass.

(3) Id. *ibid.* p. 85

(4) Id. *ibid.* p. 84

(5) RIMMER, Harry – *A ciência moderna e as escrituras*. s.n.t. p. 52.

* “Tomou, pois, o Senhor Deus o homem e o pôs no jardim do prazer para lavar e guardar” (Tradução nossa) – Citação da *Vulgata Latina-Bibliorum Sacrorum*, nova editio curavit Aloisius Gramatica, Editiones Desclee De Brouwer, Bonis Auris.

** “Não é bom que o homem esteja só, façamo-lhe uma ajudadora que lhe seja semelhante” (Tradução nossa) – *idem*.